



Núcleo de Estudo em Agroecologia: uma contribuição para o reconhecimento de potencialidades das comunidades quilombolas do município de Alcântara - MA

Georgiana Eurides de Carvalho Marques¹

¹ Profa. MSc de Agroecologia, IFMA – Campus Alcântara. geurides@ifma.edu.br

RESUMO

Este artigo visa demonstrar as contribuições do Núcleo de Estudo em Agroecologia (NEA) pertencente ao Instituto Federal do Maranhão (IFMA) – Campus Alcântara. O NEA foi criado através de financiamento do Governo Federal e apoio do IFMA, sendo formado por docentes e discentes que possuem sensibilidade à temática da Agroecologia. Foram realizadas atividades de diagnósticos para reconhecimento das potencialidades de três comunidades, caracterizadas como agrovilas e comunidades de quilombolas, sendo seus integrantes remanescentes de quilombo. Além disso, foram feitas capacitações, visitas técnicas, vivências ambientais e intervenções educacionais. Ao final das atividades, foram reconhecidas diversas potencialidades no campo econômico, social e cultural. Entretanto, dificuldades em relação ao meio ambiente e no aspecto educacional podem atrapalhar o desenvolvimento das comunidades. Além disso, a presença do Centro de Lançamento de Alcântara (CLA) contribuiu tanto para o desenvolvimento das comunidades em alguns aspectos estudados como para a redução e o desaparecimento de outros aspectos que são importantes para o empoderamento das comunidades e seu desenvolvimento pleno. Assim, há a necessidade de intervenções nos aspectos caracterizados como negativos, para sua redução, e de otimização das potencialidades.

Palavras-chave: Agroecologia; Discentes; Quilombolas.

Introdução

O município de Alcântara possui cerca de 21.349 habitantes, dos quais 15.626 (73,4%) residem na Macrozona Étnica de Uso Rural (IBGE, 2007). Sua população é representada por remanescentes de quilombo e tradicionais e possui uma importância histórica, social e étnica.

Contudo, há 25 anos, nesse município, diversas comunidades quilombolas tiveram de deixar suas terras devido à implantação do Centro de Lançamento de Alcântara (CLA), uma base de lançamento de foguetes pertencente ao Comando da Aeronáutica, provocando crises econômicas e antagonismo social. As comunidades que



foram atingidas mais diretamente por esse empreendimento foram deslocadas para as chamadas *agrovilas* (ALMEIDA, 2006). Atualmente, novos deslocamentos estão acontecendo, provocados por sua expansão de área, repercutindo em conflitos e debates sobre suas consequências.

De acordo com Almeida (2006), a presença dessas comunidades quilombolas oferece uma relação direta na manutenção e reprodução econômica, cultural, social e ambiental. Sua existência caracteriza-se por regras específicas de apropriação dos recursos naturais através de uma agricultura tradicional, combinando outras atividades, como a pesca, a caça, o extrativismo vegetal, o artesanato e a indústria da transformação (fabricação de farinha, azeite e leite de origem vegetal).

Logo, buscando estratégias agroecológicas para reconhecimento das potencialidades dessas comunidades tradicionais, criou-se um Grupo de Estudo em Agroecologia (GEA) no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (IFMA) – Campus Alcântara.

A Agroecologia é uma ciência que fornece metodologias de trabalho que almejam a compreensão mais profunda tanto da natureza dos agroecossistemas como dos princípios segundo os quais eles funcionam, integrando os agrônômicos, ecológicos e socioeconômicos, além da avaliação do efeito das tecnologias sobre os sistemas agrícolas e a sociedade como um todo (ALTIERE *et. al.*, 1987).

Assim, este artigo pretende demonstrar as contribuições do Núcleo de Estudo em Agroecologia (NEA) para o reconhecimento das potencialidades das comunidades quilombolas pertencentes ao município de Alcântara –MA.

Núcleo de Estudo em Agroecologia do IFMA - Campus Alcântara

Esse núcleo foi criado a partir do edital de carta-convite financiado pela Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica, pertencente ao Ministério de Educação, no ano de 2010.

Nas atividades propostas, foram inseridos(as) alunos(as) dos cursos técnicos em Meio Ambiente e Guia de Turismo e alunos(as) do curso superior em tecnólogo em Gestão de Turismo.

Inicialmente, suas atividades foram direcionadas a reconhecer as principais problemáticas existentes em duas comunidades quilombolas, Cajueiro e Santa Maria. Baseando-se nessas problemáticas, envolveram-se os agricultores familiares a fim de buscar tecnologias agroecológicas para redução dessas dificuldades e de torná-los



multiplicadores dentro e fora da comunidade. Além disso, integraram-se os jovens e adultos que poderão ser os futuros alunos de um curso técnico em Agroecologia, que seria promovido pela instituição proponente, ou mesmo do curso técnico em Meio Ambiente, já existente na instituição.

Para tanto, a metodologia de trabalho contemplou um diagnóstico preliminar das condições econômicas, ambientais, sociais, culturais e econômicas das comunidades; e a realização de capacitações nas temáticas que foram demonstradas como principais problemas das comunidades.

Entretanto, por se tratar de comunidades formadas por remanescentes de quilombo que foram descolados de suas terras de origem, houve problemas de acesso e aceitação por parte da comunidade de Cajueiro para a realização das atividades propostas pelo projeto. Assim, foi necessário buscar outras comunidades para sua atuação.

Portanto, as comunidades iniciais foram substituídas pela comunidade de Só Assim e Espera.

Para a realização desse trabalho de campo, foram realizadas palestras e minicursos com os alunos integrantes do NEA, para empoderamento de conhecimentos sobre Agroecologia e nivelamento dos alunos. Também foram feitas práticas através de visitas técnicas e vivências ambientais no sítio ecológico da Orientação para Conscientização Ambiental (OCA), em praias para coleta de lixo, e visitas guiadas na cidade de Alcântara para identificação de problemas ambientais gerados pelas ações do turismo, entre outras.

Com o desenvolvimento das atividades propostas, foram sendo inseridos mais alunos que mostraram interesse sobre a temática. Onde inicialmente havia apenas dois alunos, aumentou para sete, todos contemplados com bolsas de incentivo financiadas pelo órgão responsável. Como a demanda de alunos estava sempre aumentando, foram submetidas propostas de financiamento de bolsas de iniciação científica pela instituição de ensino, sendo também todos contemplados.

Além do crescimento do número de alunos, percebeu-se a necessidade de aumentar a área de estudo e intervenção, sendo inseridas mais comunidades quilombolas. Logo, acrescentaram-se Itapera e Santa Maria.

Como resultados obtidos foram publicados, dois artigos no *VII Congresso Brasileiro em Agroecologia*, de 2011, quatro no *Seminário de Pesquisa, Pós-Graduação, Inovação e Extensão do IFMA* (Seppie) de 2011, um resumo expandido no



Congresso Brasileiro de Agronomia de 2011, e um artigo está no prelo para publicação na revista *Acta Tecnológica*.

Reconhecimento das potencialidades das comunidades quilombolas

Comunidade de Espera e Só Assim

As comunidades de Espera e Só Assim são agrovilas resultantes do deslocamento para construção do CLA. Para coleta dos dados, foram entrevistados cerca de 30 moradores, sendo homens e mulheres, e avaliados aspectos econômicos, sociais, educacionais, culturais e ambientais.

Os resultados obtidos em relação aos cultivares produzidos nas comunidades quilombolas demonstraram a presença de uma diversidade de plantas, ao contrário da criação de animais, a qual possui pouca variabilidade.

O tamanho de área para o desenvolvimento de suas atividades, em ambas as comunidades pesquisadas, é indefinido, tendo variações de dimensão.

Em relação aos equipamentos utilizados em seus sistemas agrícolas, constatou-se que, nas duas comunidades, os equipamentos são os mesmos: enxada, machado, facão, foice e outros.

Também, nas comunidades, não há acesso a créditos agrícolas nem participação em projetos voltados à agricultura.

Em relação aos aspectos ambientais, os resultados demonstraram que os moradores das duas comunidades não reconhecem suas áreas de preservação dentro das agrovilas.

Suas concepções ambientais refletem a questão da preservação dos recursos naturais, na qual se destaca o rio como elemento principal, além de envolver suas atividades agrícolas. Entretanto, percebeu-se a perda de saberes, pois não estão sendo inseridos em discussões que visem sua sustentabilidade, logo os moradores não conhecem conceitos como *Agroecologia*, apesar de praticarem-na diariamente.

Continuando a pesquisa, em relação aos aspectos sociais, educacionais e culturais, os resultados demonstraram que os moradores das comunidades participam de poucas organizações sociais e que estão se distanciando da identidade de luta pelos seus direitos.

Os habitantes demonstram gostar de morar nas agrovilas e não pensam em deixá-las, além de se acharem importantes para o seu desenvolvimento. Entretanto



percebe-se a existência de problemas de relacionamento entre os moradores, inclusive o afastamento dos mais jovens.

Poucos entrevistados já participaram de projetos sociais implantados pelas políticas públicas municipais, estaduais e federais.

Em relação às questões educacionais, não existe escola nas comunidades, e o nível de escolaridade dos entrevistados abrange apenas o Ensino Fundamental. Contudo, acreditam na importância da educação para a melhoria das condições de vida e pretendem estudar em cursos técnicos e superiores.

Em relação às questões culturais, a maioria dos moradores se reconhecem como negros, pertencentes à religião católica; suas manifestações culturais e o artesanato estão se perdendo, tendo apenas os festejos locais como uma representatividade de sua cultura.

Assim, os aspectos agrícolas, ambientais, sociais, educacionais e culturais pesquisados possuem diversas dificuldades estruturais e históricas, que devem ser solucionadas com incentivos através de políticas públicas eficientes e exclusivas para os quilombolas.

Comunidade de Itapera

Itapera é uma comunidade quilombola centenária, localizada na região sudeste do município de Alcântara, próximo ao mar. Essa comunidade está dentro dos limites da nova expansão do CLA. Para coleta dos dados, foram entrevistados cerca de 30 moradores, sendo homens e mulheres, e avaliados aspectos econômicos, sociais, educacionais, culturais e ambientais.

Ao analisar a produção agrícola, observou-se a presença de uma diversidade de plantas cultivadas pela comunidade, dentre as quais se destacam as que estão diretamente ligadas ao sistema de corte e queima, como, por exemplo: milho, arroz, mandioca, macaxeira e feijão. Ressalta-se a presença das frutíferas e hortaliças, sendo estas produzidas nos quintais próximos às residências.

Logo, percebe-se a presença de agroecossistemas, ou seja, um grau de diversidade de plantas, geralmente na forma de policultivos e/ou padrões agrofloretais.

Esses benefícios são exemplificados no seguinte depoimento: “Devido ao fato de a comunidade ser distante da sede do município, temos que fazer novas lavouras e plantar nossas hortaliças, pois como é bom comer um peixe com verduras frescas na hora”, de Dona Sebastiana.



Em relação à criação de animais, observou-se pouca diversidade, destacando-se as galinhas caipiras, o gado de leite e os suínos. Os animais citados estão relacionados à alimentação e ao período de festas tradicionais na comunidade. Além disso, ressalta-se que os pescados são os principais alimentos diários, como mostra o seguinte depoimento: “Não se deixa de comer um peixe fresco para comer carne”, de Dona Maria.

O sistema de plantio é caracterizado como de corte e queima, utilizando equipamentos manuais, com inexistência de sistemas de irrigação e tratos culturais tradicionais, como, por exemplo, o fogo e as capinas. O sistema de criação dos animais é extensivo, devido à dificuldade de manutenção de capineiras durante todo o ano.

De acordo com os moradores, em todas as atividades referentes ao desenvolvimento da comunidade, todos são envolvidos, desde a construção de estradas, mutirões agrícolas e pesca. Segundo eles, a união dos moradores é o grande diferencial da comunidade.

Em relação à destinação final dos produtos, observou-se que são direcionados principalmente ao consumo local e à doação. Esta aparece mais significativa na época das festas tradicionais da comunidade e na manutenção dos filhos na sede do município e em São Luís.

Analisando os aspectos sociais, observou-se a existência do conflito que se impõe ao deslocamento da comunidade para outra área devido à expansão do CLA. De acordo com os moradores, seu laço de identidade está naquela terra, sua história e sua luta não podem ser subjugadas pelos progressos tecnológicos.

Segundo os moradores, toda a comunidade é unida, calma e tranquila. Como mostram alguns depoimentos: “Já morei em vários estados (Tocantins, Goiás), mas voltei há 17 anos para minha terra e daqui não quero sair”; “Quando alguém está doente, levamos na rede até a próxima comunidade para pegar um carro para um hospital. Fazemos isso porque gostamos de todos sem distinção”.

Em relação à dimensão cultural, observou-se a existência de festas tradicionais durante o ano, das quais se destaca a festa de Nossa Senhora Aparecida, no mês de outubro. Esse acontecimento é o símbolo de fraternidade para toda a comunidade. Outros festejos de importância deixaram de acontecer devido à falta de pessoas comprometidas com a manutenção da tradição local.



Outra manifestação cultural verificada foi a confecção de artesanatos. As mulheres produzem bordados, crochês, produtos oriundos da palha, como: cofo, cofo de segredo, abano, meaçaça.

Na dimensão ambiental, observou-se uma relação homem-natureza muito favorável, caracterizada pela manutenção de áreas adequadas para a produção, evitando novos desmatamentos para realização de roçados. Além disso, percebeu-se a veneração pelo mar, cujas atitudes demonstram o respeito pelo período apropriado da pesca, como mostra o seguinte depoimento: “O peixe é nosso principal alimento, logo devemos respeitá-lo. Caso contrário, ele vai acabar”.

Observou-se, nas falas dos moradores, uma relação benéfica entre suas atitudes e a natureza, sempre colocando o retorno da natureza como uma recompensa por suas ações.

Contudo, verificou-se muito lixo acumulado na região à beira-mar. Segundo diversas pesquisas, esse fato é consequência da limpeza dos navios e do lixo jogado no mar por São Luís, que acaba se depositando na comunidade e em toda a orla marítima do município.

Ao final, foram observados vários elementos benéficos existentes na comunidade em relação a fatores de geração de renda, à natureza, à sua relação social e à sua cultura. Percebeu-se que a sustentabilidade, objetivo principal da Agroecologia, faz parte do modo de vida da comunidade. Todavia, demonstram-se algumas dificuldades estruturais e pouco conhecimento sobre práticas sustentáveis atuais que possam melhorar o desenvolvimento de suas atividades econômicas.

Além disso, percebeu-se que a desapropriação gera um conflito de identidade que pode ocasionar a perda de todos esses aspectos e/ou do conceito de uma comunidade tradicional. Assim, são necessários estudos e estratégias para inibir ou diminuir as consequências de tal atividade a essa comunidade.

Para a comunidade de Santa Maria, os dados ainda não foram compilados para sistematização.

Discussão

Observou-se, para todas as comunidades pesquisadas, que o sistema de produção agrícola se baseia no uso de policultivos, sendo presentes as plantas que oferecem benefícios, principalmente alimentares, medicinais e paisagísticos. Essa estratégia em comunidades tradicionais possui o objetivo de minimizar riscos, através do cultivo de



várias espécies e variedades de plantas estabilizando a produtividade a longo prazo, promovendo a diversidade do regime alimentar e maximizando os retornos com baixos níveis de tecnologia e recursos limitados (CLAWSON, 1985 *apud* ALTIERE, 2004).

Além disso, segundo Altieri (2004), a ampliação e conservação da biodiversidade nos agroecossistemas é um dos princípios para a autorregulação e sustentabilidade, pois haverá numerosos e complexos benefícios entre o solo, as plantas e os animais.

Percebeu-se que o sistema utilizado é o de corte e queima, que envolve técnicas milenares, sendo oriundos de povos primitivos.

O sistema de corte e queima caracteriza-se pelo corte da cobertura vegetal, secagem, queima da biomassa, cultivo, abandono da área, novo desmatamento e assim sucessivamente (FERRAZ JUNIOR, 2006). De acordo com algumas pesquisas, essa forma de cultivo está em desacordo com os princípios de sustentabilidade, pois ocasiona solos de baixa fertilidade natural e alta precipitação, perda de nutrientes, degradação química dos ecossistemas e erosão.

Em seu sistema produtivo e de geração de renda, há a valorização familiar, sendo a principal força de trabalho para exercício de suas atividades. De acordo com os princípios da sustentabilidade, a utilização do conhecimento, da mão de obra e da cultura da população local é fundamental (GLEISSMAN, 2009).

Verifica-se que, em comunidades tradicionais no exercício de atividades produtivas, não há apenas estruturas familiares intermediárias dos grupos étnicos, dos grupos de parentes, do povoado ou da aldeia, mas também certo grau de coesão e solidariedade entre todos os atores que vivenciam situações de conflito, reforçando politicamente as redes de solidariedade (ALMEIDA, 2008).

Contudo, percebeu-se que muitas pessoas, principalmente os jovens, estão perdendo os aspectos intrínsecos da comunidade com relação ao seu envolvimento social, familiar e cultural. Apesar disso, para os adultos e idosos, há um reconhecimento de sua importância para a comunidade e a necessidade do coletivo de diminuir as consequências geradas pelas agrovilas ou pela impossibilidade de se deslocar.

Esse resultado reflete a situação de desigualdade de pequenos grupos, que passam a valorizar seus traços culturais e suas relações coletivas como forma de ajustar-se às pressões sofridas, e é nesse contexto social que constroem sua relação com a terra, tornando-a um território impregnado de significação no tocante à resistência cultural.



Não é qualquer terra, mas a terra na qual mantiveram alguma autonomia cultural, social e autoestima (SCHMITT; TURATTI; CARVALHO, 2002).

Segundo Almeida (2008), em comunidades tradicionais, os laços solidários e de ajuda mútua formam um conjunto de regras firmadas sobre uma base física comum, essencial e inalienável.

No âmbito ambiental, observou-se que, para os recursos naturais, há uma valorização, desenvolvendo uma relação harmônica entre o homem e a natureza. Em comunidades tradicionais, quando suas práticas incidem sobre recursos renováveis, revela-se um conhecimento aprofundado e peculiar dos ecossistemas de referência (ALMEIDA, 2008).

De acordo com Toledo *et. al.* (1985) *apud* Altieri (2004), o conhecimento dos camponeses sobre solos, climas, vegetação, animais e ecossistemas geralmente resulta em estratégias produtivas multidimensionais, e essas estratégias proporcionam, dentro de certos limites ecológicos e técnicos, a autossuficiência alimentar dos agricultores em uma determinada região. Logo, apesar de não conhecerem a Agroecologia, praticam algumas de suas técnicas e ações.

Entretanto, embora realizem-se várias atividades harmônicas entre homem-natureza e comunidade, há diversas dificuldades econômicas, sociais, ambientais, culturais e educacionais.

Em relação econômica, apesar de utilizarem ensinamentos tradicionais e outros influenciados pela sistemática da natureza, isso não é suficiente para garantia de melhorias de qualidade de vida. Assim, há necessidade de adaptação e aprimoramento das técnicas produtivas, podendo ser um local de intervenção agroecológica.

Quanto aos aspectos sociais e culturais, as dificuldades estão diretamente ligadas ao processo de deslocamento das terras de origem, pois há uma perda de identidade, sendo os moradores facilmente influenciados pela proximidade com o centro urbano, por desenvolverem pouco apego às novas comunidades. Em relação a Itapera, esse tipo de dificuldade não é visto, pois os moradores ainda estão em suas terras, e isso fortalece a manutenção de seus aspectos tradicionais, sendo um exemplo concreto de que há uma relação benéfica entre suas terras de origem e a manutenção da cultura tradicional das comunidades.

Ambientalmente, todos reconhecem a importância da existência de áreas de proteção, de espécies nativas de valor econômico, dos animais selvagens. Contudo, isso não é suficiente para mantê-las, pois, para as agrovilas, falta espaço para garantia de



suas moradias e para áreas de produção. Assim, há uma crescente expansão direcionada às áreas de proteção, por isso, muitas não se sabe nem que existem.

Nos aspectos educacionais, os moradores atravessam diversas problemáticas, desde a falta de escolas, professores, uma matriz curricular que não atende a suas peculiaridades, entre outras. Logo, a maioria dos moradores está fora da escola, e os que possuem uma melhor condição financeira mandam seus filhos para a sede do município ou para São Luís a fim de garantir seus estudos.

Logo, a presença do CLA não trouxe grandes mudanças para a melhoria da qualidade de vida dos remanescentes de quilombo, em relação tanto aos que estão em agrovilas quanto às comunidades que ainda serão deslocadas.

Dificuldades

Apesar de o NEA ser financiado através de edital, os recursos financeiros não foram disponibilizados como proposto.

Houve atrasos no pagamento das bolsas, sendo disponibilizadas próximo ao encerramento do período de financiamento, que foi de um ano.

Além disso, os recursos para material de consumo, viagens e outros itens financiados não foram disponibilizados, comprometendo a realização das demais atividades, como, por exemplo, a capacitação.

As comunidades também são distantes da sede, com meios de acesso muito difíceis ou precários. Logo, muitas vezes foi um entrave para a realização das atividades, porque os alunos não tinham como chegar. Essa distância também fazia com que as atividades se realizassem apenas no final de semana ou em dias possíveis para os alunos. Às vezes, coincidia com o dia de trabalho dos moradores, que estavam na pesca, na lavoura, não tendo ninguém em casa para ser entrevistado.

O IFMA – Campus Alcântara também é um *campus* novo, onde faltam muitos recursos para as atividades de pesquisa e extensão. Além disso, a gestão da época não avaliava essas atividades como primordiais, causando mais problemas.

O curso técnico em Agroecologia não foi implantado, logo dificultou ainda mais a possibilidade de inserção de docentes no trabalho, além de frustrar muitas expectativas criadas pelo NEA.



Conclusão

O NEA desempenhou atividades importantes educacionais e de extensão na temática da Agroecologia no âmbito do IFMA. Entretanto, a concretização de suas atividades não foi realizada com êxito devido à falta de recursos financeiros.

Os resultados obtidos podem contribuir para a implementação de tecnologias agroecológicas nas comunidades estudadas, assim como em outras comunidades.

Através da integração de alunos e agricultores familiares, foram formados diversos multiplicadores que continuam atuando na temática proposta, contribuindo para formação e sensibilização de mais pessoas que estão dispostas a recuperar aspectos importantes do município e da população, visando à sustentabilidade do local e melhoria da qualidade de vida.

Além disso, observou-se que a presença do CLA contribuiu tanto para o desenvolvimento das comunidades em alguns aspectos estudados como para a redução e o desaparecimento de outros aspectos que são importantes para o empoderamento das comunidades e seu desenvolvimento pleno. Assim, há a necessidade de intervenções nos aspectos caracterizados como negativos, para sua redução, e de otimização das potencialidades.

Logo, os dados obtidos nesta pesquisa servem de referencial para intervenções nas comunidades estudadas, através de adaptação de tecnologias agroecológicas e estudos direcionados para o reconhecimento das principais potencialidades da comunidade e dos seus moradores, visando o desenvolvimento e a promoção da qualidade de vida.

Referências

- ALMEIDA, A. W. B. de. **Os quilombolas e a base de lançamento de foguetes de Alcântara**. Brasília: Ibama, 2006. 12 p.
- ALMEIDA, A. W. B. de. **Terras de quilombos, terras indígenas, “babaçuais livres”, “castanhas do povo”, faxinais e fundos de pastos**: Terras tradicionalmente ocupadas. 2 ed. Manaus: PGSCA – Ufam. 2008. 192 p.
- ALTIERI, M. A.; ANDERSON, M. K.; MERRICK, L. C. Peasant agriculture and the conservation of crop and wild plant resources. **Conservation Biology**. v. 1, 1987. p. 49-58.
- ALTIERI, M. **Agroecologia**: dinâmica produtiva da agricultura sustentável. 5 ed. Porto Alegre: UFRGS, 2004. 118 p.
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado, 1988.



CAPORAL, F. R.; PAULUS, G.; COSTABEBER, J. A. **Agroecologia**: uma ciência do campo da complexidade. Brasília: MDA, 2009. 111 p.

CONVENÇÃO 169. Disponível em: www.oitbrasil.org.br. Acesso em: jun. 2011.

GLIESSMAN, S. R. **Agroecologia**: processos ecológicos em agricultura sustentável. 4 ed. Porto Alegre: UFRGS, 2009. 658 p.

FERRAZ JUNIOR, A. S. de L. O cultivo em aleias como alternativas para a produção de alimentos na agricultura familiar do trópico úmido. In: Moura, E. G. de (org.). **Agroambientes de transição**: entre o trópico úmido e semiárido do Brasil. 2 ed. São Luís, 2006. p. 71-100.

GUZMÁN, G. C.; GONZÁLEZ, M. de M.; SEVILLA, E. G. (coord.). **Introducción a la Agroecología como desarrollo rural sostenible**. Madrid: Ediciones Mundi - Prensa, 2000.

IBGE. Disponível em: www.ibge.gov.br. Acesso em: jun. 2011.

SCHMITT, A.; TURATTI, M. C. M.; CARVALHO, M. C. P. de. A atualização do conceito de quilombo: identidade e território nas definições teóricas. In: **Ambiente e Sociedade**. nº 10. jan./jun. 2002. Núcleo de Estudos e Pesquisas Ambientais. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php>>. Acesso em: 27 mar. 2008.

SEVILLA, E. G.; OTTMANN, G. Las dimensiones de la Agroecología. In: INSTITUTO DE SOCIOLOGÍA Y ESTUDIOS CAMPESINOS. **Manual de olivicultura ecológica**. Córdoba: Universidad de Córdoba, 2004. p. 11-26.